

DOI: 10.70513/ensinar-aprender-transformar.4

Educação Humanizadora e Cultura de Paz: reflexões sobre a Agenda 2030 da ONU a partir de Paulo Freire e Kay Pranis

Nívea dos Santos Marques

Universidade Federal do Pampa, niveamarques.aluno@unipampa.edu.br

André de Azambuja Maraschin

Universidade Federal de Santa Maria, andremaraschin@hotmail.com

Renata Hernandez Lindemann

Universidade Federal do Pampa, renatalindemann@unipampa.edu.br

Introdução

A crise civilizatória que caracteriza o início do século XXI – marcada por desigualdades sociais persistentes, degradação ambiental, violência estrutural e enfraquecimento dos vínculos comunitários – evidencia os limites de um modelo de desenvolvimento centrado no lucro, na exploração e no individualismo. Tal cenário revela uma profunda desconexão entre os seres humanos e o planeta, manifestando-se em múltiplas formas de exclusão, injustiça e esgotamento ético. Diante dessa conjuntura, torna-se urgente repensar os fundamentos da convivência humana e da própria educação, compreendendo-a como espaço de reconstrução simbólica e material da vida coletiva.

Nesse horizonte, a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU, 2015) emerge como um pacto global de corresponsabilidade planetária, propondo os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) no sentido de orientar ações integradoras entre as dimensões econômica, social, cultural e ambiental. Mais do que um conjunto de metas técnico-políticas, os ODS constituem um projeto civilizatório que convoca indivíduos, instituições e nações a repensarem o modo como habitam

o mundo. Neles se expressa um convite ético à solidariedade, à equidade e à preservação da vida em todas as suas formas – princípios que ultrapassam a racionalidade instrumental e se aproximam de uma pedagogia da esperança e do cuidado.

Compreender a Agenda 2030 sob a ótica da educação significa reconhecê-la não apenas como instrumento de gestão global, mas como proposta educativa e cultural que requer consciência crítica, engajamento ético e transformação social. Essa leitura encontra profunda ressonância nas ideias de Paulo Freire (2005), para quem a educação é um ato político, um exercício de liberdade que se realiza no diálogo e na busca pela conscientização dos sujeitos. Isto posto, a pedagogia freireana propõe uma prática educativa voltada à emancipação dos sujeitos e à construção de uma sociedade justa, na qual o aprender se vincula à leitura crítica do mundo e à ação transformadora sobre ele.

De modo complementar, a abordagem de Kay Pranis (2011), com os Círculos de Construção de Paz, oferece metodologias concretas que materializam essa ética da convivência e da corresponsabilidade. Ao valorizar a escuta, a empatia e o respeito às múltiplas vozes, os círculos reafirmam o poder do encontro humano como espaço de cura, restauração e fortalecimento dos laços comunitários. Essa prática dialoga com o pensamento freireano ao entender que a transformação social nasce do diálogo autêntico e da partilha de experiências, tornando-se também uma via pedagógica de resistência à cultura da indiferença e da violência.

A presente reflexão propõe, portanto, um diálogo entre Freire e Pranis a partir da Agenda 2030 da ONU, com o objetivo de evidenciar como as concepções de educação libertadora, escuta empática e corresponsabilidade comunitária constituem caminhos para a concretização dos dezessete ODS. Ou seja, como os princípios dialógicos e problematizadores, a ética do cuidado, a justiça social e a paz se combinam enquanto elementos da educação libertadora e metodologias restaurativas.

Em síntese, pensar a educação a partir de Freire e Pranis, e dos ODS, é apostar na possibilidade de uma nova racionalidade educativa e civilizatória, pautada pela amorosidade, pela cooperação e pelo compromisso coletivo de sujeitos críticos, solidários e conscientes. Trata-se de reconhecer que educar para a paz e para a sustentabilidade não é tarefa acessória, mas condição essencial para a construção de um futuro comum, justo e habitável, reinventando as relações com o outro, com a comunidade e com o planeta.

Fundamentos Teóricos: Freire e Pranis em diálogo

Compreender os caminhos de uma educação comprometida com a Cultura de Paz exige retomar os fundamentos éticos e epistemológicos que sustentam tais perspectivas. Logo, reflete-se sobre algumas contribuições de Freire e Pranis que, embora oriundos de contextos distintos, partilham um mesmo horizonte humanista e transformador. Ambos concebem o diálogo como eixo central da convivência e da aprendizagem, entendendo-o não apenas como método pedagógico, mas como forma de ser-no-mundo um gesto de escuta, reconhecimento e construção coletiva de sentido.

Em Freire (2005), a educação é concebida como prática da liberdade, movimento de conscientização e emancipação que permite aos sujeitos compreenderem criticamente a realidade e atuarem sobre ela. No entanto, esses ideais não podem ser vistos de maneira simplista, uma vez que a educação humanizadora proposta nas reflexões de Paulo Freire considera os indivíduos como sujeitos históricos e inacabados, na busca pela vocação ontológica em ser mais. Isso quer dizer que se constitui como um projeto ético-político, comprometido com as relações entre os sujeitos e dos sujeitos com o mundo, nas quais a esperança e o amor se tornam forças mobilizadoras da transformação social (Freire, 2005).

Nessa perspectiva para o campo educacional, a ontologia permite aos homens e mulheres a libertação de suas condições de oprimidos, de agentes que não conseguem vislumbrar caminhos para a superação de situações contraditórias, denominadas por Freire (2005) como situações-limite. Tal movimento só pode ser atingido por meio da conscientização, que será aprofundada no subitem em sequência. Para tanto, Freire estimula a dialogicidade no sentido de refletir e agir sobre o mundo.

Em Pranis (2011), por sua vez, a metodologia dos Círculos de Construção de Paz oferece uma expressão prática desse ideal dialógico. Ao propor a escuta ativa, a corresponsabilidade e a empatia como fundamentos da convivência, Pranis traduz em experiências concretas o que Freire formulou como pedagogia da dialogicidade. Seus círculos criam espaços de encontro e restauração, capazes de reconstruir laços e promover justiça relacional nas comunidades.

A aproximação aqui feita entre os dois autores, mesmo que de maneira inicial, revela convergências entre a educação dialógica freireana e a justiça restaurativa. Enquanto Freire oferece o arcabouço teórico que fundamenta práticas reflexivas e dialógicas para a libertação dos sujeitos, Pranis propõe práticas concretas de convivência e corresponsabilidade que materializam esses princípios no cotidiano comunitário, por meio dos Círculos de Construção de Paz. A seguir, alguns conceitos fundamentais dos dois autores serão retomados, a fim de contribuir com as construções teórico-críticas deste capítulo.

Paulo Freire e a educação como prática da liberdade

Freire (1981; 2005), concebe a educação como um ato político, ético e estético, comprometido com a libertação dos sujeitos e com a transformação das estruturas opressoras que sustentam as desigualdades sociais. O autor defende que educar é um ato de criar possibilidades para a produção e construção do conhecimento e, conforme já mencionado, um processo dialógico que reconhece o educando como sujeito histórico, capaz de intervir criticamente na realidade. A educação, portanto, não se limita à escolarização, mas pelo diálogo constitui uma práxis – ação e reflexão unidas – que possibilita a tomada de consciência e a transformação do mundo.

Quando a realidade é concebida como objeto de estudo e passa a ser problematizada a partir das situações contraditórias, cria-se condições para que a vocação ontológica se mostre a partir do questionamento e (re)significação do mundo, contemplando os campos educacional, histórico, político,

econômico, cultural, dentre outros (Freire, 2005). Esse movimento de desenvolvimento da autonomia, na perspectiva de formação integral dos sujeitos que se reconhecem inconclusos, pode possibilitar a transformação das realidades pela disposição em dialogar e refletir criticamente sobre a prática.

Em vista disso, Freire (1996, p. 25), afirma que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção”. Essa compreensão rompe com a educação bancária, baseada na transmissão mecânica e na passividade dos educandos, instaurando uma pedagogia fundada na escuta e na criticidade. O diálogo, longe de ser mera técnica, é um compromisso com a verdade, a humildade e a solidariedade, constituindo-se como via para a humanização. Pode ser compreendido como parte do tripé problematização-diálogo-transformação, em que a realidade passa a ser questionada, na sequência o trabalho coletivo e colaborativo ocorre em busca de soluções para as demandas encontradas, resultando em um processo de conscientização e transformação da realidade (Freire, 2005).

Assim, a ideia de conscientização é aprofundada por Freire (2005), sendo compreendida como o processo pelo qual os oprimidos reconhecem as causas de sua opressão e tendem a se tornar protagonistas de sua própria libertação. Essa conscientização é inseparável do amor e da esperança, dimensões éticas que sustentam o compromisso com a vida e com o outro. Contudo, não se trata de uma visão romântica sobre essas dimensões, mas de compromisso com o outro e com o mundo, em uma relação marcada pela rigorosidade e pela confiança.

A autonomia em Freire, entendida como a capacidade de pensar e agir com liberdade e responsabilidade, se desenvolve ao longo da conscientização para que os sujeitos realizem uma leitura crítica de mundo, se opondo à cultura do silêncio (Freire, 2005). Os oprimidos com o silêncio naturalizado acabam por conformar-se com a opressão e não participam criticamente da vida em sociedade. Ao propor a leitura do mundo como antecedente da leitura da palavra, Freire (1989) ressalta que toda alfabetização deve partir da experiência vivida e dos saberes populares, valorizando as vozes historicamente silenciadas.

As categorias e elementos freireanos aqui mencionados articulam-se diretamente com os ODS da Agenda 2030, a exemplo dos que visam a redução das desigualdades (ODS 10) e a promoção da paz, justiça e instituições eficazes (ODS 16). Em suma, a pedagogia freireana, ao promover a humanização e a emancipação dos sujeitos, oferece fundamentos ético-políticos para a construção de uma educação libertadora e planetária, orientada pelo diálogo, pelo trabalho coletivo, pela amorosidade e pelo compromisso com o outro e com o mundo.

Kay Pranis e os Círculos de Construção de Paz

Pranis (2009; 2011) introduz no campo da Justiça Restaurativa a proposta dos Círculos de Construção de Paz, prática educativa e comunitária que tem como eixo a escuta ativa, o respeito mútuo e a corresponsabilidade coletiva. Inspirada nas tradições indígenas norte-americanas,

especialmente das nações Ojibwe e Navajo, e em experiências comunitárias de resolução de conflitos em contextos escolares e judiciais, a autora reconhece nos círculos um caminho ancestral e, ao mesmo tempo, inovador para a restauração de vínculos, a reparação de danos e o fortalecimento do tecido social, enfatizando que o diálogo autêntico tem o poder de curar feridas, reconstruir comunidades fragmentadas e restaurar a confiança. Já em Boyes-Watson e Pranis (2011), reforça-se que os círculos representam práticas de construção de sentido coletivo e de empoderamento comunitário, articulando dimensões emocionais, éticas e espirituais do encontro humano.

A metodologia dos Círculos de Construção de Paz estrutura-se em torno de sete pressupostos fundamentais, que orientam o modo de ser e agir nos processos circulares:

1. A verdadeira justiça é restaurativa e relacional, voltada à reparação dos danos e à restauração das relações, e não à punição.
2. Os seres humanos são interdependentes, e o bem-estar de cada um está intrinsecamente ligado ao bem-estar da comunidade.
3. O respeito é a base de toda convivência, e deve ser construído continuamente por meio da escuta e do reconhecimento mútuo.
4. Os conflitos são oportunidades de crescimento, pois revelam as necessidades e fragilidades que pedem cuidado e diálogo.
5. Todos têm voz e valor – cada participante é portador de saberes, sentimentos e experiências legítimas.
6. A responsabilidade é compartilhada, e as decisões devem nascer do consenso e da corresponsabilidade entre os envolvidos.
7. O círculo é um espaço de esperança e cura, onde se cultivam empatia, confiança e reconexão com o sentido coletivo de humanidade.

Esses pressupostos refletem uma visão de mundo comunitária e ecológica, em que o ser humano é compreendido como parte de uma teia viva de relações. Assim, a proposta de Pranis dialoga profundamente com a Agenda 2030 da ONU, especialmente com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável voltados à paz, justiça e fortalecimento das instituições (ODS 16) e à redução das desigualdades (ODS 10), assim como evidenciado no referencial Freireano..

Ao afirmar que nenhuma comunidade pode ser saudável enquanto um de seus membros estiver ferido, Pranis (2011) reafirma o princípio da interdependência, essencial tanto à sustentabilidade ambiental quanto à justiça social. Em um mundo marcado por rupturas, polarizações e exclusões, o círculo se apresenta como metáfora e prática de convivência sustentável, fundamentada na empatia, no diálogo e na responsabilidade compartilhada. Dessa forma, a autora amplia o horizonte da Justiça Restaurativa, transformando-a em uma pedagogia do encontro – uma educação voltada para a paz e para a vida em comum, em sintonia com o projeto planetário proposto pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Nessa perspectiva, o ser humano é chamado a reconhecer-se parte integrante e inseparável da natureza, e não uma entidade externa a ela. Esse sentimento de pertencimento inspira atitudes de cuidado, promove práticas de preservação e sustenta uma Cultura de Paz compreendida não apenas como ausência de conflitos, mas como experiência contínua de diálogo, escuta ativa e cooperação. Quando estendida à relação com o meio ambiente, a paz transforma-se em um pacto ético de cuidado com a vida em todas as suas formas.

Convergências: educação dialógica e Justiça Restaurativa

Freire e Pranis convergem na defesa do diálogo como fundamento ético da convivência e da transformação social, por meio do reconhecimento de uma condição inacabada, não estática e que se relaciona com o outro e com o mundo. Em outras palavras, Freire (1989, p. 45) defende que, “[...] os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”, enfatizando que os aprendizados se realizam nos encontros horizontais e dialógicos, na reflexão sobre a realidade compartilhada. Para Pranis (2011), a transformação social surge da escuta mútua e do reconhecimento da interdependência, sendo o círculo um espaço em que cada participante é valorizado e sua voz respeitada.

Ambos os autores veem na relação dialógica o caminho para a humanização e para a superação da cultura do silêncio e da violência, entendidas como expressão das desigualdades e das exclusões sociais. Essa aproximação parte de um princípio comum: a transformação começa no encontro, no reconhecimento do outro como sujeito histórico e portador de saberes. O diálogo freireano e os Círculos de Construção de Paz constituem, assim, espaços pedagógicos e éticos que promovem a amorosidade, a reconciliação, a empatia, a corresponsabilidade e a consciência crítica – condições indispensáveis para a construção de uma sustentabilidade planetária, que integra dimensões sociais, éticas, ambientais, culturais, históricas e políticas.

Ao entrelaçar suas propostas, observa-se que Freire oferece a base teórica e ética, enquanto Pranis oferece práticas concretas de convivência e restauração de vínculos, possibilitando que os princípios dialógicos e restaurativos sejam vivenciados em contextos comunitários, escolares e institucionais. Essa convergência indica que educação, diálogo e Justiça Restaurativa não são caminhos paralelos, mas complementares, capazes de sustentar uma pedagogia planetária, orientada por amor, esperança, corresponsabilidade e respeito à vida.

Educação, Paz e Sustentabilidade: diálogos com os 17 ODS da ONU

A Agenda 2030 da ONU (2015) propõe 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), interdependentes e integrados, como expressão do compromisso global com a erradicação da pobreza, a promoção da igualdade, a justiça social e a preservação ambiental, conforme demonstrado na Figura 1:

Figura 1. Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU



Fonte: ONU (2015).

O diálogo entre os pensamentos de Freire e Pranis revela horizontes promissores para a concretização dos 17 ODS e, conseqüentemente, a construção de um mundo mais justo, solidário e sustentável. Assim como os ODS reconhecem a interdependência entre as dimensões econômica, social, ambiental, dentre outras, Freire e Pranis defendem uma compreensão integral do ser humano e das relações, fundamentada na ética do cuidado, no diálogo e na corresponsabilidade.

Freire (1987, 2005) propõe a leitura crítica do mundo e a tríade problematização-diálogo-transformação pode levar a caminhos de conscientização e emancipação. Pranis (2011), por sua vez, enfatiza a escuta e o diálogo como meios de restaurar vínculos e fortalecer comunidades. Nessa convergência, a Agenda 2030 pode ser entendida não apenas como um conjunto de metas globais, mas como um projeto educativo e social que requer participação, reflexão crítica e compromisso ético com a vida em todas as suas dimensões.

Diante do que foi exposto, o Quadro 1 apresenta considerações iniciais sobre as contribuições de Freire e Pranis para os ODS, observando as categorias e elementos apresentados neste capítulo:

Quadro 1. Contribuições de Freire e Pranis para os ODS

ODS	Contribuições de Freire	Contribuições de Pranis
ODS 1 – Erradicação da pobreza	A educação emancipadora fortalece a autonomia e a capacidade crítica dos sujeitos, permitindo-lhes compreender as estruturas sociais que reproduzem a exclusão e o posicionamento contra os silenciamentos.	Os círculos de Pranis promovem participação equitativa, oferecendo espaços de escuta e apoio comunitário, essenciais para reconstruir redes de pertencimento e segurança.
ODS 2 – Fome zero e agricultura sustentável	A educação alimentar e ambiental conscientiza sobre justiça e equidade na produção e consumo, estimulando a transformação social pela reflexão em diferentes dimensões sobre os valores dos grupos que comandam cada setor.	Os círculos incentivam o diálogo sobre recursos compartilhados e soluções coletivas, promovendo solidariedade e corresponsabilidade na gestão alimentar.

Continua na página seguinte

Começa na página anterior

ODS 3 – Saúde e bem-estar	A educação para a saúde integra dimensões físicas, emocionais e sociais, devendo-se observar a humanização dos sujeitos e a conscientização sobre os impactos que suas decisões podem causar em âmbito individual e coletivo.	Os círculos reforçam escuta, diálogo e suporte comunitário, prevenindo violências e promovendo bem-estar coletivo.
ODS 4 – Educação de qualidade	A educação, prática da liberdade, é baseada na problematização e no diálogo, fortalecendo a autonomia dos sujeitos e a leitura crítica de mundo.	Os círculos oferecem aprendizagem experiencial, fortalecendo empatia e corresponsabilidade na formação integral.
ODS 5 – Igualdade de gênero	A pedagogia freireana combate a cultura do silêncio, promove a conscientização das opressões de gênero e fortalece a humanização pela amorosidade (que inclui respeito, tolerância e empatia entre os sujeitos).	Os círculos possibilitam que todas as vozes sejam ouvidas, favorecendo inclusão, igualdade e justiça social.
ODS 6 – Água potável e saneamento	A leitura crítica do mundo inclui compreender o acesso à água e saneamento como direito social.	Os círculos promovem diálogo sobre recursos naturais, incentivando práticas sustentáveis e corresponsáveis.
ODS 7 – Energia acessível e limpa	A educação crítica permite compreender o impacto das escolhas energéticas na vida coletiva e ambiental.	Os processos circulares fortalecem o debate sobre consumo e eficiência energética, estimulando soluções locais.
ODS 8 – Trabalho decente e crescimento econômico	A educação forma sujeitos conscientes de sua realidade, capazes de reivindicar condições justas de trabalho e problematizar a dimensão econômica e seus valores ligados ao capital.	Os círculos criam espaços de escuta e construção coletiva, fortalecendo vínculos e valorizando o trabalho ético e social.
ODS 9 – Indústria, inovação e infraestrutura	Freire destaca a capacidade humana de transformar a realidade por meio do conhecimento e da reflexão crítica, identificando e buscando superar situações-limite.	Os círculos incentivam cooperação e inovação comunitária, promovendo infraestrutura social baseada na corresponsabilidade.
ODS 10 – Redução das desigualdades	A consciência crítica permite identificar e enfrentar desigualdades estruturais e sociais, muitas vezes naturalizadas pelo silenciamento dos oprimidos.	Os círculos empoderam grupos marginalizados, fortalecendo redes de apoio e construindo justiça relacional e social.
ODS 11 – Cidades e comunidades sustentáveis	A educação dialógica promove espaços éticos e cooperativos de convivência.	Os círculos transformam comunidades em ambientes colaborativos, promovendo Cultura de Paz e cuidados coletivos.
ODS 12 – Consumo e produção responsáveis	A leitura crítica propicia reflexão sobre hábitos de consumo e seus impactos ambientais.	Os círculos incentivam o diálogo e decisões coletivas, promovendo responsabilidade compartilhada e sustentabilidade.
ODS 13 – Ação contra a mudança global do clima	A educação para a sustentabilidade exige consciência da interdependência entre seres humanos e meio ambiente.	Os círculos estimulam o diálogo sobre impactos ambientais e práticas restaurativas alinhadas à mitigação climática.
ODS 14 – Vida na água	Freire enfatiza o respeito e a compreensão e consciência crítica sobre o mundo natural, assim inclui-se os ecossistemas aquáticos.	Os círculos promovem participação coletiva e cuidado com os recursos vitais e ecossistemas aquáticos.
ODS 15 – Vida terrestre	O diálogo crítico sobre ecologia amplia a consciência ambiental e a ética coletiva.	Os círculos incentivam decisões participativas para a proteção de florestas, fauna e flora.

Continua na página seguinte

Começa na página anterior

ODS 16 – Paz, justiça e instituições eficazes	A educação dialógica fortalece a consciência crítica e a autonomia, promovendo justiça e solidariedade.	Os círculos oferecem práticas restaurativas de escuta, reconciliação e construção de confiança comunitária.
ODS 17 – Parcerias e meios de implementação	A transformação social é coletiva e baseada na cooperação e no diálogo entre sujeitos e instituições.	Os círculos promovem alianças e redes de apoio entre comunidades, organizações e governos para o desenvolvimento sustentável.

Fonte: Elaborado pelos autores

O diálogo entre Freire, Pranis e a Agenda 2030 da ONU evidencia que a construção de uma educação transformadora, ética e sustentável depende da articulação entre teoria, prática e ação coletiva. Quando se pensa em superar problemas sociais como a pobreza, a fome e as crises ambiental e climática, assim como garantir direitos básicos à saúde, educação, igualdade, dentre outras questões, não há como se desvincular da essência humana (no viés ontológico ou pela corresponsabilidade). Portanto, refletir os ODS a partir dos referenciais assumidos significa constituir sociedades conscientes do seu papel, com sujeitos ativos nas suas realidades, pacíficos e que não aceitam os silenciamentos e as desigualdades.

De forma resumida, Freire oferece o arcabouço teórico e possibilidades para a educação libertadora via práxis (ação e reflexão), centrado na conscientização, na problematização, na dialogicidade, na esperança e no amor. Já Pranis, apresenta práticas restaurativas concretas, que fortalecem a escuta ativa, a corresponsabilidade, a empatia e o pertencimento comunitário por meio dos círculos restaurativos.

Considerações Finais

A aproximação entre as perspectivas freireana e dos Círculos de Construção de Paz revela que educar para a Paz e para a sustentabilidade significa promover reconciliação, justiça social, cuidado com o planeta e fortalecimento das comunidades, integrando dimensões éticas, sociais, ambientais, políticas, econômicas, dentre outras. Os 17 ODS adquirem sentido mais profundo quando reinterpretados à luz da pedagogia Freireana e das práticas restaurativas de Pranis, deixando de ser metas administrativas para se tornarem convites à ação educativa, comunitária e ética.

Nessa perspectiva, a educação assume a condição de projeto planetário, capaz de formar sujeitos críticos, solidários e corresponsáveis, conscientes de sua interdependência com os outros e com o mundo. Ao articular valores como libertação, diálogo, esperança, amor, autonomia, justiça, escuta e pertencimento comunitário, propõe-se uma aprendizagem ancorada na convivência, na reconstrução de vínculos e na promoção da vida em todas as suas dimensões, aproximando-se do projeto atingir as metas estabelecidas pela Agenda de 2023 por meio de novas posturas dos sujeitos.

Dito de outra forma, a integração entre educação dialógica, Justiça Restaurativa e ODS delineia um horizonte de esperança ativa, no qual a formação integral dos sujeitos contribui para sociedades mais justas, solidárias e sustentáveis. Educar para a Paz e para a sustentabilidade implica reconhecer o outro como sujeito histórico, compreender o planeta como espaço comum de cuidado e assumir a transformação social como um ato coletivo, permanente e ético, orientado pelo amor e pela corresponsabilidade.

As ações precisam ser pensadas do micro para o macro, compreendendo que o coletivo deve se sobrepôr ao individual na construção de sociedades conscientes de seu pertencimento à Terra e engajadas na preservação da vida. Vivenciar esse pertencimento planetário torna-se, portanto, condição essencial para orientar valores, práticas e tradições rumo a sociedades pacíficas, justas e sustentáveis, guiadas pela responsabilidade ética diante das gerações futuras.

Agradecimentos

O autor André de Azambuja Maraschin agradece o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

BOYES-WATSON, Carolyn; PRANIS, Kay. **No coração da esperança**: guia de práticas circulares. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Nova York: ONU, 2015. Disponível em: <https://sdgs.un.org/2030agenda>. Acesso em: 26 out. 2025.

PRANIS, Kay. **Círculos de Justiça Restaurativa e de Construção de Paz**: guia do facilitador. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, 2011.

PRANIS, Kay. **Processos circulares**. Tradução de Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2009.